

# Em São Mateus, os casarões históricos caem aos pedaços sobre a população

São Mateus está intimamente ligado à história do povo capixaba. Foi para lá que fugiram os colonizadores portugueses fixados em Vitória e Vila Velha, depois escorraçados pelos bravos capixabas de então, os índios Goitacás, Tupiniquins e Aymorés, que não aceitaram a dominação branca. Foi ainda em São Mateus que a força da Coroa colonial se bateu com fúria contra os nossos primeiros ascendentes, dizimando-os, empurrando-os para o interior, para a Serra (hoje Aimorés), mas sem deixar de pagar um pesado tributo à valentia de nossa gente.

Esta é a São Mateus, à margem do Rio Cricaré, que desde o início da colonização do Brasil, não conseguindo dominar nossos índios, passou a vilipendiar as nossas riquezas com a força dos braços negros trazidos da África.

Os últimos vestígios dessa nossa história hoje são escombros à margem do Rio São Mateus, reflexo do descaso total das autoridades que deveriam zelar pelo patrimônio histórico de nosso povo. É o Porto de São Mateus, onde a força e o arbítrio contra os índios do Espírito Santo, era justificado porque nossos antepassados não eram considerados humanos, onde anos de despotismo contra nossos avós negros fizeram acender no Quilombo de Sapê-Seco a primeira chama de liberdade.

É esse palco de nossa história inicial que há anos se encontra entregue à sanha do tempo, que faz corroer o estuque dos casarões coloniais construídos com sangue e suor, que faz desmoronar pedras sobre pedras para que dessa forma, não fique ao capixaba a origem de sua cor, a certeza de sua força já experimentada há séculos pelos portugueses, o som de seu grito de liberdade ouvido pela primeira vez pela boca do negro Rugero, líder do Quilombo de Sapê-Seco, que durante anos incomodou os senhores poderosos de São Mateus.



-A carta de Men de Sá

“E chegando a Capitania do Espírito Santo, entrou por conselhos dos que consigo levava pelo rio Oiraré (Cricaré) e foi dar em três fortalezas muito fortes, que se chamavam Marerique (hoje São Mateus), donde o gentio fazia e tinha feito muito dano, e morto muitos cristãos, os





O grande perigo e a memória histórica. Crianças perto dos velhos casarões.

pírito Santo, entrou por conselhos dos que consigo levava pelo rio Oiraré (Cricaré) e foi dar em três fortalezas muito fortes, que se chamavam Marerique (hoje São Mateus), donde o gentio fazia e tinha feito muito dano, e morto muitos cristãos, os quais rendeu com muita morte de gentio, e ele morreu ali pelejando... dou muitas graças a Deus por acabar Fernão de Sá, nesta jornada, em serviço de Vossa Alteza".

(Carta de Men de Sá à Regente dona Catarina, relatando a morte de seu filho Fernão de Sá, enviado ao Espírito Santo para combater os índios).



O perigo de desmoronamento é uma constante em São Mateus.

No último dia 9, na Fundação Cultural do Espírito Santo, o contrato para escoramento do casario do Porto de São Mateus, que está completamente em ruínas, foi firmado entre a empresa Azevedo Loyola Engenharia e a Fundação Cultural do Espírito Santo. Na solenidade de assinatura do contrato, a empresa ganhadora da concorrência prometida dar início aos trabalhos já no dia 13, quando seus técnicos e engenheiros seriam deslocados para São Mateus.

No dia marcado para que esses trabalhos fossem iniciados, a reportagem de A TRIBUNA esteve no Porto de São Mateus, e em lugar dos técnicos, o que viu foi o mesmo crime histórico que vem sendo denunciado há anos. Abandono total do casario colonial do porto, com muitos dos prédios total ou parcialmente destruídos.

Ontem à tarde, em contato telefônico com a Fundação Cultural do Estado, Gabriel Azevedo, assessor jurídico daquele órgão, informava porque a promessa não havia sido cumprida:

"Na terça-feira (13) a empresa contratada enviou um engenheiro a São Mateus para os trabalhos preliminares de levantamento do local. Ele constatou a inviabilidade da instalação de um canteiro de obras devido a desabamentos recentes de alguns prédios. A

área está cheia de entulhos e só depois de um trabalho de limpeza será possível a instalação do canteiro de obras".

Segundo o assessor jurídico da Fundação, já durante esta semana esses trabalhos serão iniciados e, a seguir, com a implantação do canteiro, engenheiros e operários estarão trabalhando para que o Porto de São Mateus permaneça como um marco histórico.

A maioria do conjunto de prédios coloniais que compõe o Porto de São Mateus está completamente em ruínas. Muitos dos casarões já estão completamente desmoronados. Outros, têm apenas algumas paredes de pé, e o madeirame está completamente imprestável.

Pela situação em que se encontra o Porto de São Mateus, o prefeito Gualter Nunes Loureiro, mesmo ressaltando que não é técnico no assunto, acha que os casarões são irrecuperáveis. E afirma que, atualmente, o Porto de São Mateus, já não é apenas um problema histórico, mas sim um problema social, já que os constantes desabamentos dos casarões tornaram-se um risco para a população que ainda vive nas cercanias do porto. Para caracterizar sua opinião, Nunes Loureiro mostrou um ofício de uma moradora que recentemente teve sua casa completamente soterrada por um paredão. O acidente

felizmente não provocou vítimas fatais porque não havia ninguém em casa no momento do desmoronamento. Entretanto, além da casa da moradora que ficou completamente destruída, todos os móveis e utensílios ficaram perdidos.

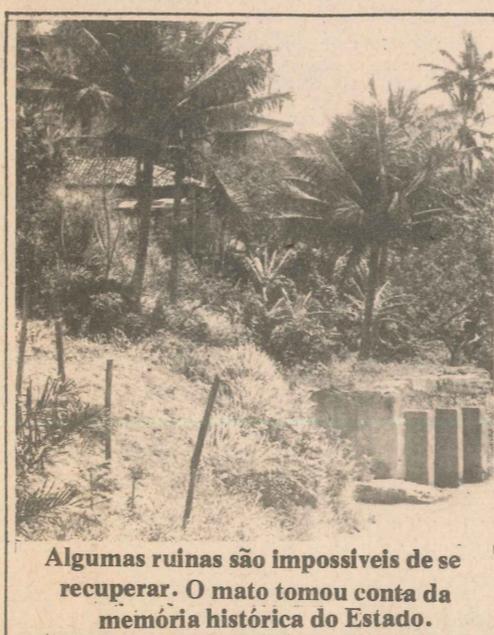
#### CORTE DE VERBAS

O Porto de São Mateus foi tombado há anos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão ligado diretamente à Secretaria do Planejamento da Presidência da República. Durante todo esse tempo, a preservação dos casarões coloniais do Porto de São Mateus é de responsabilidade do IPHAN e até o presente nada foi feito. O convênio em que o órgão federal assinou com a Fundação Cultural do Espírito Santo para a recuperação do porto é igualmente histórico. De acordo com este antigo convênio, os serviços de escoramentos das 46 casas que compõem o conjunto arquitetônico do porto, para posterior recuperação, foi orçado em 7.200 mil. Do total desse orçamento, o Governo Federal arcaria com 80 por cento, cabendo ao Estado os 20 por cento restantes.

Na reavaliação do projeto decidiu-se excluir 15 prédios "que não tinham valor histórico". Os 31 restantes portanto, deverão ser escorados para que não



caíam totalmente. E, depois dessa primeira fase, deverão ser remodelados. Com a redução dos prédios que deveriam ser recuperados, passando de 46 para 31, também as verbas anteriormente aprovadas sofreram uma drástica retração. Os 7.200 mil ficaram reduzidos a Cr\$ 2.424.770,00 valor esse aceito pela empresa que se dispõe a fazer o escoramento dos prédios, apesar de poder ser constatado por qualquer pessoa que muitos dos casarões já não têm o que ser escorado. Simplesmente não existem mais.



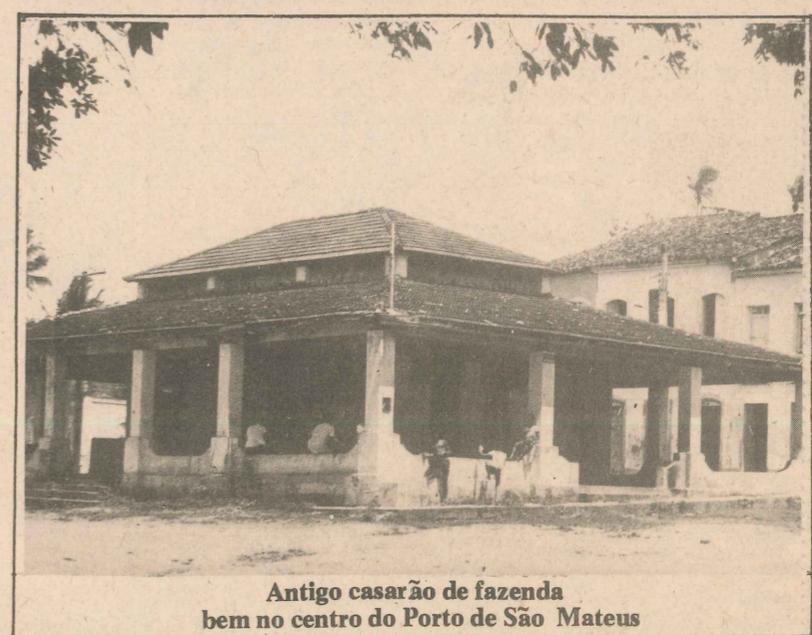
Algumas ruínas são impossíveis de se recuperar. O mato tomou conta da memória histórica do Estado.

## O elemento negro

"Os escravos ganham dimensão histórica, na luta liderada por Rugério que provocou uma fase de escassez de mão de obra em São Mateus, levando os negros para dentro do mato e fundando o Quilombo do Sapê-Seco, que durante muito tempo até o seu aniquilamento por forças do Governo, que conseguem capturar Rugério, posteriormente amarrado num pau e executado, dentro da cidade".

(São Mateus, subsídios históricos — Projeto Rondon)

No fundo tudo é bonito. As palmeiras, os antigos casarões e o vento que vem do mar.



Antigo casarão de fazenda bem no centro do Porto de São Mateus